

Amanda Maria Costa - 10699597
Ana Clara B. Oliveira - 10845381
Gabriel Casassa Schoendorf - 10755766
Jade Cason Pecorari - 10790043
Julia Victoria Venture - 10822083
Marcela Mian - 6817210
Maria Giulia Scarpa - 10790039
Natalie Lissa Kira - 10852625

ESALQ/USP – LES0237 Sociedade, Cultura e Natureza 2019

T4: Ideologia e Cultura Moderna

John B. Thompson

O sociólogo e professor de Cambridge John B. Thompson, em seu livro *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa* (1995), focaliza o papel da mídia nas sociedades contemporâneas. Em sua obra, Thompson propõe a ideia de uma “grande narrativa”, formada a partir das concepções de vários autores, dizendo respeito às principais transformações sociais e culturais ocorridas com o desenvolvimento das sociedades modernas. Em sua reflexão, Thompson situa o debate sobre a ideologia na grande narrativa, a partir da distinção de dois tipos gerais de concepção de ideologia: neutra e crítica. Segundo Thompson, “concepções críticas são aquelas que possuem sentido negativo, crítico ou pejorativo” (1995, p.73). Essa concepção crítica foi desenvolvida por Marx, Mannheim e, inicialmente, Napoleão, sugerindo que todo fenômeno ideológico é enganador ou ilusório. Para sua formulação, Thompson se apoia em conceituações críticas, polindo o conceito para seu melhor emprego em estudos sociológicos. Assim, o autor considera que ideologia se refere a fenômenos simbólicos significativos desde que sirvam, em situações sociais e históricas específicas, a estabelecer e sustentar relações de dominação. .

Quanto à “grande narrativa” das transformações culturais, dois pensadores, Marx e Weber, são autores destacados por Thompson. Ambos compartilharam a ideia de que a emergência do capitalismo industrial foi acompanhada pela dissolução dos valores e crenças tradicionais das sociedades pré-capitalistas. Para Marx, trata-se de um processo de desmistificação, na medida em que acredita na possibilidade dos seres humanos identificarem, graças à secularização da vida social, as relações de exploração nas quais estão envolvidos. Já a interpretação de Weber enfatiza que as modificações culturais, em particular no âmbito da religião, foram precondições para a emergência no capitalismo, cujo desenvolvimento tenderia a racionalizar progressivamente o comportamento humano, o que seria um “destino dos tempos modernos”.

Em sua análise desta construção da “grande narrativa”, Thompson observa que a maior parte dos pensadores argumenta que ideologia é um fenômeno distintivo da Era Moderna. As mudanças desta última se associam ao êxodo rural causado pela industrialização, a urbanização e a formação de novas relações de trabalho e poder. Assim, a ação fundada em racionalidade econômica e burocrática desestruturaria valores antigos, pautados em crenças místicas. Neste quadro de secularização da vida social, as “ideologias” teriam emergido enquanto substitutas daquelas visões tradicionais de mundo.

Parte dos autores desta grande narrativa propõe a ideia do “fim da ideologia”. Esta tese foi originalmente defendida por pensadores liberais e conservadores a partir da constatação do declínio das doutrinas políticas radicais ou revolucionárias nas sociedades industriais da Europa, tais como o fascismo, o nazismo e o comunismo. As consequências dessas doutrinas políticas radicais levaram estes pensadores a concluir que os problemas enfrentados pela nova sociedade industrial moderna não poderiam ser resolvidos por uma mudança social radical. Consideraram que esta última acabou, na verdade, gerando novas formas de violência e repressão. Ou seja, para os teóricos do fim da ideologia, a paixão revolucionária estava definindo e sendo substituída por uma perspectiva mais pragmática e gradual, graças notadamente ao amadurecimento de um Estado de bem-estar redistributivo. Assim, a ideologia seria somente um sintoma passageiro da

modernização. Na medida em que as sociedades industriais modernas alcançassem um estágio de maturidade econômica e política¹, as ideologias desapareceriam. Na realidade, a definição de “ideologias” para os teóricos de seu fim é muito particular. Trata-se de doutrinas abrangentes, totalizantes, utópicas que oferecem uma visão coerente do mundo sócio histórico, exigindo alto grau de ligação emocional.

A análise da grande narrativa da transformação cultural teve o objetivo de demarcar uma série de problemas acerca da natureza e do papel das ideologias nas sociedades modernas. Então, Thompson propõe elucidar suas insuficiências. Um problema central destacado por Thompson nestas releituras das transformações culturais da sociedade moderna em razão da secularização e da racionalização se refere à minimização da importância daquilo que designa como a “mediação da cultura moderna”, ou seja, o papel das instituições e meios de comunicação de massa. O trabalho de Alvin Gouldner (1976) é analisado por Thompson na medida em que considera o desenvolvimento da imprensa na formação de uma esfera pública, na qual as ideologias emergem. No entanto, Gouldner pensa que as ideologias seriam sistemas simbólicos que se concretizariam, sobretudo, na escrita, servindo para informar projetos públicos de reconstrução social. Assim, conclui que os meios eletrônicos (rádio e televisão), ao se sobrepor à escrita, marcariam o declínio do papel da ideologia nas sociedades modernas. Para Thompson, essa perspectiva é limitada por separar a análise da ideologia das formas de comunicação de massa, que se tornam incontornáveis na contemporaneidade.

Em suma, o conceito de ideologia pode ser empregado de várias formas na grande narrativa, podendo aludir ao subconjunto específico de sistemas de crenças políticas ou doutrinas abrangentes, utópicas e totalizantes, ou ter um uso generalizado, tendendo a minimizar ou a dissolver o elo entre ideologia e dominação. Thompson conclui então que é questionável a ideia de associar o surgimento das ideologias ao início da era moderna, propondo redirecionar a análise da ideologia para os inúmeros e distintos modos como as formas simbólicas foram utilizadas, e permanecem sendo usadas, nas sociedades ocidentais modernas ou em contextos sociais situados em diferentes épocas ou lugares, a serviço do poder.

Referências

GOULDNER, Alvin (1976), **The dialectic of ideology and technology**, Londres: Macmillan.

LEVITSKY S. & ZIBLATT D. (2018), **Como as democracias morrem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

THOMPSON, John (1995), **Ideologia e cultura moderna**, Petrópolis: Editora Vozes.

¹ A propósito, é interessante notar que, mesmo nos países desenvolvidos, o sistema de representatividade política e bem-estar social fundado em Estado redistributivo vem entrando em colapso. O resultado deste fenômeno é a eleição de líderes autoritários que ascenderam ao poder, como Donald Trump ou outros políticos de extrema-direita da Europa. Em seu livro sobre a morte das democracias, Steven Levitsky e Daniel Ziblatt (2018), professores de Harvard, elucidam que, ainda que atualmente não haja grandes golpes ou revoluções, o enfraquecimento lento de instituições como o judiciário e a imprensa pode derrubar a democracia, oferecendo terreno fértil para o autoritarismo e, assim, a ressurgência de doutrinas políticas radicais.